

# O PANORAMA.

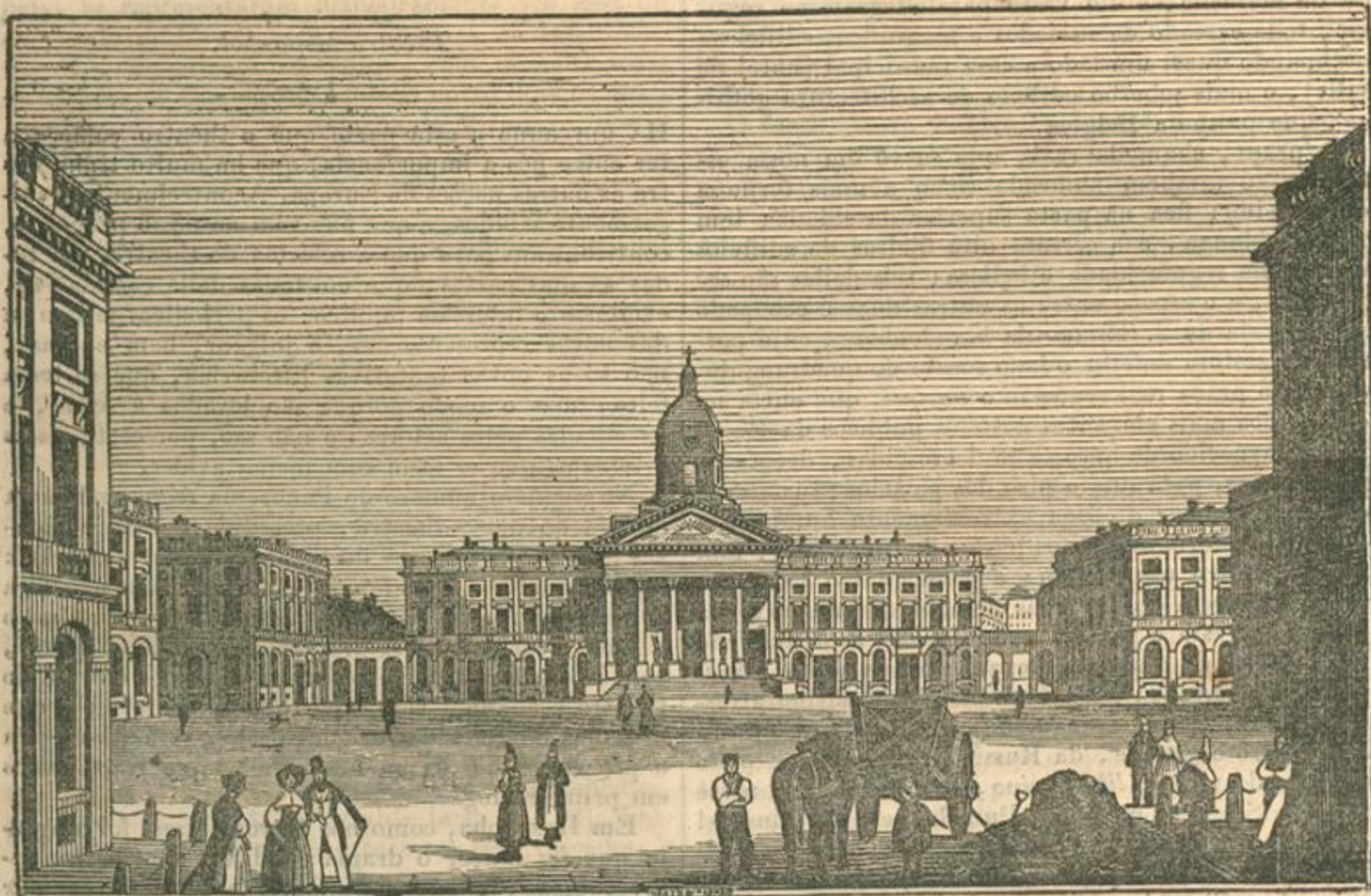
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

95)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (FEVEREIRO 23, 1839)



A PRAÇA REAL DE BRUXELLAS.

BRUXELLAS, capital hoje do novo reino da Belgica, o foi tambem do Brabante, uma das dezeseite Provincias-Unidas dos Paizes-Baixos. No seculo setimo, S. Geri, bispo de Cambrai, fundou n'uma ilha do Senne uma ermida, á roda da qual se foram levantando algumas habitações; tal foi a origem desta formosa cidade, que com o andar dos tempos cresceu prodigiosamente, e já em 1357 era espaçosa e amuralhada. Ahi tiveram sua residencia os duques de Brabante, e depois delles os governadores austriacos. Os flagellos da peste, da guerra, dos incendios, e o jugo estranho, alternativamente a devastaram nos diversos periodos da sua historia. Os inglezes a tomaram em 1213; a peste de 1314 a deixou quasi deserta, e logo passados doze annos experimentou um incendio espantoso que devorou 2:400 casas; outro em 1405 consumiu mais de 1:400. Em 1488 foi tomada outra vez por Philippe de Cleves, e reconquistada no mesmo anno pelo imperador Maximiliano; no anno immediato sobreveio tão grande pestilencia que caía a gente morta pelas ruas. Tendo-se distinguido na rebellião de Flandres contra o dominio hespanhol, soffreu a oppressão tyrannica do duque de Alba, por cujo motivo mais de dez mil artistas fugiram e se estabeleceram em Inglaterra; ao mesmo tempo foi accommettida de outra epidemia com horrivel estrago. Em 1695 a bombardearam os francezes, e largaram fogo a 4:000 casas e 14 egrejas. Depois da batalha de Ramillies, em 1706, a tomou Marlborough.

O eleitor de Baviera a sitiou, porém debalde, em 1708; mas foi entrada de novo pelos francezes, debaixo do commando do marechal de Saxonia, em 1746, e restituida depois pelo tractado de Aix-la-Chapelle: os mesmos a retomaram em 1792, depois da batalha de Jemmapes; brevemente a evacuarão em virtude do destroço que soffreram em Louvain; tornaram porém a occupa-la em 10 de Julho de 1794.

Bruxellas era a capital dos Paizes-Baixos austriacos, desde que Philippe 5.<sup>o</sup> de Hespanha fizera renuncia de seu dominio em favor do imperador de Austria; os francezes a nomearam cabeça do departamento de Dyle; sendo porém obrigados a restituila em 1814, ficou pertencendo ao novo reino dos Paizes-Baixos, até que a revolução, que separou a Hollanda da Belgica, a erigiu em capital deste ultimo reino, de creação recentissima; e ahi faz sua residencia o actual e primeiro soberano, Leopoldo de Saxe-Coburgo-Gotha.

Bruxellas está situada sobre o pequeno rio Senne, e um canal, que communica com o Escalda [Escaut] pelo Rupel: dista nove e meia leguas, de 26 ao gráu, de Antuerpia [Anvers], e sessenta ditas, de París; está assente em terreno mui desigual, tendo calçadas muito ingremes: a sua maior extensão calcula-se em meia legua, e a maior largura em um quarto de legua; é rodeada de muralha de ladrilho, com oito portas a que vem dar as principaes estradas do reino: em outro tempo teve fortificações

que José 2.<sup>o</sup> mandou arrazar, substituindo-as com arvoredos, que é hoje um formoso passeio. Compreende onze templos catholicos, um protestante, e uma synagoga; 300 ruas regulares, afóra becos e travessas; e uma população, que em 1835 era avaliada em cem mil almas. Destas ruas muitas são bellas e espaçosas, com as casarias altas e bem edificadas: são todas alumiadas por gaz, e mantidas com muita policia e limpeza. Das praças, a chamada do mercado, é um vasto parallelogrammo regular, todo cercado de variados e magnificos edificios; occupando quasi um lado a casa municipal [hotel de ville], o mais soberbo edificio de architectura gothica, que possui a Belgica.

A praça, chamada real, que se vê em nossa estampa, é tambem nomeada como a mais formosa deste reino; fica na parte superior da cidade; tem figura oblonga, e a cercam oito fileiras de edificios de summa regularidade e belleza; seis dellas são separadas, e o espaço entre as outras duas é occupado pela igreja de S. Thiago de Kaudenberg, cujo portico magestoso enfeita o lado sueste do quadrangulo. Juncto á praça real segue-se o *parque*, que entra na ordem dos mais elegantes passeios publicos da Europa, guarnecido de arvores mui crescidas, decotadas pelas cimas, para que o pizo dos passeios se conserve enxuto, por ser o clima extremamente humido: a espaços o adornam muitos bustos de fina pedra: tem no seu centro um jardim; e pelos quatro lados exteriores correm quatro ruas principaes; ao meio da meridional está o palacio real; e todas as demais são guarnecidas de muitas e elegantes casas nobres. Neste ha um tanque, onde uma inscripção latina attesta o facto, a que deve a sua celebridade. Conta-se que Pedro o grande, da Russia, em 1742, estando tomado de vinho, *libato vino*, se deixára cair nesse tanque. Singular memoria d'um homem tão illustre!

Além das praças que mencionámos, tem Bruxellas *le grand sablon*, que é a maior, mas não a melhor; *le petit sablon*, que pega com aquella por uma rua curta, e é plantada de arvores; e a praça de S. Miguel, na extremidade septentrional da cidade, guarnecida de uma alameda, com jardim no meio, onde estão inauguradas varias memorias em honra dos cidadãos que morreram pela patria na revolução de 1830, origem da actual independencia da Belgica.

O palacio das Bellas-Artes é digno de vêr-se, e encerra um museu de pintura e esculptura, um gabinete de historia natural, e a bibliotheca, onde ha quasi cem mil volumes, com muitos manuscritos, e outras preciosidades litterarias. Todos estes estabelecimentos são franqueados ao publico; assim como o jardim botanico, que é vasto, bem collocado, e dirigido com intelligencia e gosto: é costeado pelo governo e pela municipalidade com uma somma annual, equivalente a quatro contos de réis.

Mais outros edificios conta Bruxellas; e entre estes algumas egrejas, porém nenhuma chega, em esplendor d'architectura, á cathedral de S. Gudula, que desde a sua fundação conta mais de oito seculos, e possui muitas obras de primorosa arte, e varios monumentos. Nesta cathedral ha tambem um sancto milagre; e são as hostias consagradas, que os judeus apunhalaram, que annualmente são levadas em solemne e pomposa procissão pelas ruas da cidade, no primeiro domingo que cae depois do dia 13 de Julho.

Bruxellas jaz por 4<sup>o</sup> 15' de longitude Oriental, e 50<sup>o</sup> 51' de latitude N.—O clima, comparado com o de Paris, é frio; mas, comparado com o de Londres, é mais quente de verão, e mais frio de inver-

no. O maior gráu de calor, nos verões ordinarios, é de 28 $\frac{1}{2}$  de Réaumur [96 de Fahrenheit]; o maior frio, nos invernos ordinarios, é de 5 gráus Réaumur abaixo de zero [21 de Fahrenheit]. O ar, posto que humido, é salubre; os nevoeiros são raros, e nunca de longa duração.

## HISTORIA DO THEATRO MODERNO.

### Theatro hespanhol.

#### I

HA um anno a esta parte que o theatro começa a ter entre nós a importancia, que ha muito tinha entre as outras nações da Europa. Acontecimentos, vulgarmente sabidos, e que não vem ao nosso proposito, contribuíram para que a refórma do theatro, em todas as suas partes, que em todas della carecia [1], excitasse o interesse publico: os periodicos fallam já das novas representações, e julgam, bem ou mal, não só as novas tentativas litterarias, que se teem feito, mas o modo porque são levadas á scena, e executadas pelos actores: e não são, por certo, esses artigos os que se lêem com menos avidéz.

No segundo numero do Panorama démos nós uma noticia do nosso theatro, precedida de alguns breves paragraphos ácerca do theatro das outras nações: na conjunctura actual parece-nos que não será fóra de proposito o continuar aquelle artigo, com mais alguns, ácerca da arte dramatica dos demais povos, cuja litteratura tem relação com a nossa: e como do theatro hespanhol veio o portuguez, conforme o que dissemos fallando das origens deste, será da origem e progressos do drama hespanhol, que tractaremos em primeiro logar.

Em Hespanha, como nos outros paizes, foi a egreja que fez nascer o drama: todavia a primeira representação, a que estriictamente se póde chamar theatral, e de que ha menção nos annaes d'Hespanha, é a que se fez em 1414, na festa da coroação de Fernando o bom, rei de Aragão. Foi composta pelo marquez de Vilhena: e só sabemos que era uma peça allegorica, em que figuravam a Justiça, a Paz, a Verdade, e a Clemencia, de modo que pertencia á classe das *moralidades*, que tiveram voga por algum tempo, na infancia da arte dramatica hespanhola, e que depois Cervantes fez reviver. Pouco depois desta tentativa de Vilhena, o seu amigo, marquez de Santilhana, homem, como elle, de grande saber e de idéas claras, reduziu a drama, com o titulo de *Comedieta de Ponza*, os incidentes d'uma batalha naval, dada, em 1435, juncto á ilha de Ponza, entre os aragonezes e genovezes, em que estes ficaram vencedores. O drama nunca foi representado, nem impresso com as demais obras deste auctor; e só se sabia da sua existencia pelas cartas do marquez, até que o Sr. Martinez de la Rosa, o grande poeta hespanhol nosso contemporaneo, o descobriu entre os manuscritos da bibliotheca real de Paris. Esta curiosa reliquia das primeiras tentativas do genio dramatico hespanhol é notavel pela grande habilidade que nella apparece, não só no modo de tractar um facto historico, mas tambem no enredo, dialogo, e versificação.

Foi pelos fins do seculo 15.<sup>o</sup> que em Castella se estabeleceu uma especie de theatro. Os primeiros ensaios dramaticos nesta parte da Peninsula, fe-los

(1) Sem exceptuar a dos espectadores, que, bem como tudo o mais, permitta-se-nos a expressão, é preciso crear de novo. Sobre isso publicaremos brevemente um artigo, que, dizendo respeito a um objecto relativo á civilisação e moral publicas, entra naturalmente no plano deste jornal.

João de la Encina, mui conhecido pelas suas poesias soltas, e cujas obras formam por si só um cancionero. Depois de alargar os limites das representações religiosas, compondo varios autos, onde não sómente se acham paraphrases da biblia, mas tambem invenções do poeta, formou o projecto de fazer sair o drama dos objectos religiosos, para o que compoz pequenas peças pastoraes, que denominou eclogas. Estas peças, em que elle proprio fazia os principaes papeis, se representaram primeiramente em casa do almirante de Castella, e da duqueza do Infantado. Como a denominação o indica, ellas de nada mais constavam do que de um dialogo entre dois ou mais pastores. O auctor, á imitação de Virgilio, usou a primeira vez desta invenção para celebrar, por via de allusões, algum acontecimento notavel, como a conclusão de pazes, ou a volta de algum principe; e depois inventou uma acção curta e simples, na qual reduziu a drama as paixões das suas personagens. Estas pequenas peças, cortadas por danças, e acabando com vilhancicos, ou cantigas, continham tambem alguma scena truanesca, ou graciosa; de modo que nellas entravam junctamente os elementos da tragedia, comedia, e opera. Teem estas primeiras tentativas bastante sal e agudeza, e ao mesmo tempo naturalidade e viveza. A primeira representação destas comedias pastoris fez-se em 1492, anno memoravel nos annaes d' Hespanha, por ser o da conquista de Granada, e do descubrimento do Mundo Novo. Foi tambem por este tempo que appareceu a famosa *Celastina* de Rodrigo de Cota, de que fallamos no primeiro artigo.

Os primeiros dramas regulares hespanhoes nasceram no principio do seculo 16.<sup>o</sup>, e, o que é mais notavel, fóra d' Hespanha. Um certo Torres Naharro, residente em Roma, compoz alli varias comedias, que foram representadas perante Leão 10.<sup>o</sup> [2]. Nellas a invenção é feliz, os caracteres bem traçados, e o dialogo vivo, e contém algumas ousadias que neste auctor não eram de admirar, porque, apesar de ser clérigo e de viver na cõrte pontificia, compoz satyras contra os ecclesiasticos, taes que Luthero não estimaria pouco ser auctor dellas. Naharro compoz tambem uma arte dramatica, a primeira que appareceu em castelhano: nella faz a distincção da tragedia e da comedia, e divide esta em duas especies, comedia de *noticia*, isto é, historica, e comedia de *phantasia*, isto é, de imaginação: foi tambem elle que inventou os *introitos*, ou prologos, e que deu aos actos a denominação de *jornadas*, seguida depois constantemente pelos auctores hespanhoes nas divisões dos seus dramas.

As peças de Naharro, apenas appareceram em Hespanha, foram prohibidas pela inquisição, como succedeu ás pouco mais recentes de Christovam de Castillejo, secretario dos imperadores Maximiliano e Fernando [3]. Estas, quando se imprimiram as obras de Castillejo, passados annos, foram supprimidas, e perderam-se de todo. Apresenta assim o theatro hespanhol o phenomeno singular de ter tido duas infancias. Havendo sido prohibidas, as primeiras tentativas de composições dramaticas regulares não acharam imitadores, e até parece que inteiramente esqueceram, porque no casamento de uma infanta de Castella, em 1548, foi uma peça do Ariosto, que se representou. Entretanto alguns eruditos, como Villalobos, Oliva, e outros, trabalhavam por apresen-

tar os antigos como modelos dramaticos, traduzindo as comedias de Plauto, Terencio, e Aristophanes; mas estas antigas composições cazavam-se mal com o genio hespanhol, de maneira que, em quanto as produções theatraes que a Hespanha possuía, jaziam sepultadas nas livrarias dos curiosos, ou nos archivos da inquisição, o povo se entretinha com as grosseiras eaturricas dos jograes e truões. Daqui nasceu que Schlegel, Bouterweek, Sismondi, e quasi todos os criticos estrangeiros, ignorando até os nomes dos primeiros escriptores dramaticos hespanhoes, não só delles não fallam, mas poem a origem do drama castelhano no meiado do seculo 16.<sup>o</sup>

O fundador do theatro hespanhol a que verdadeiramente se póde chamar nacional e popular, foi Lope de Rueda de Sevilha, que deixou o seu officio de batesfolha para se ajunctar a uma companhia de comicos ambulantes, dos quaes foi brevemente o cabeça, ou, segundo a expressão hespanhola, *autor*. Este titulo, derivado, não do latim *auctor*, mas de *auto*, dava-se naquelle tempo ao que compunha e recitava peças; e tambem lhe chamavam *maestro de hacer comedias*. Lope de Rueda tinha ambas as castas de talento necessarias para ser um *autor* daquella epocha; ganhou por isso grande reputação, e foi unanimemente julgado grande poeta e grande actor; e tão completamente esqueceram as tentativas dramaticas feitas antes d'elle, que o tiveram em conta de inventor da divisão em jornadas ou actos, e dos prologos, chamados *introitos*, e depois *loas*. Durante uns poucos de annos percorreu Lope de cidade em cidade; mas por fim a sua grande reputação fez com que fosse chamado á cõrte do Philippe 2.<sup>o</sup> Os poucos dramas, dialogos pastoris &c., que d'elle restam, se distinguem por certa graça e viveza naturaes; e posto que sejam todos em prosa, elle os escrevia em verso com a mesma facilidade. Ha um facto curioso, que prova a indulgencia com que os ecclesiasticos olhavam, naquelle tempo, até para os dramas profanos; facto, que se lê na historia de Segovia de Colmenares: na occasião da grande festividade da abertura da cathedral daquella cidade, a companhia de Lope de Rueda representou em um tablado, erecto no meio da egreja, depois de vespersas solemnes, *una gustosa comedia*. O proprio Lope, morrendo em Cordova no anno de 1567, foi alli enterrado com grande pompa, no côro da cathedral.

Por este tempo [1561] a cõrte hespanhola, que até então tinha andado vagueando pelas capitaes das diferentes provincias, fez assento fixo em Madrid, circumstancia que foi favoravel para a arte dramatica, porque della nasceu o haver um theatro fixo. Documentos authenticos provam que um anno depois da morte de Lope de Rueda havia theatros em Madrid. Existiam então, tanto na capital como nas provincias, varias companhias de actores, distinctas umas das outras por nomes extravagantes e burlescos, e tão numerosas, que um escriptor moderno hespanhol as distingue em oito especies diferentes.

Os progressos materiaes acompanharam dahi ávan-te os litterarios e moraes. Por 1530 estabeleceram-se os dois theatros *de la cruz* e *del principe*, que ainda existem; e alguns engenhos summos começaram a trabalhar em composições dramaticas, o que até então se tinha deixado aos directores das companhias ambulantes. Cervantes, tendo chegado do seu captivo de Argel, foi um dos primeiros que encetaram esta carreira; mas, apesar dos seus muitos meritos como escriptor dramatico, Cervantes era mais inclinado ao genero narrativo, o que não se compadece, por certo, com o estylo proprio do drama.

Em quanto o auctor de *D. Quixote* escrevia em

(2) E impressas em Napoles em 1517. — Esta rara edição existe na bibliotheca publica do Porto, e pertencia, segundo nossa lembrança, á livraria do Visconde de Balsemão.

(3) O mesmo succedeu aos dramas portuguezes contemporaneos: dahi provém, principalmente, a extrema raridade das primeiras edições de alguns delles, como de Jorge Ferreira, que só são conhecidos nas edições mutiladas.

Madrid, João de la Cueva fazia representar alguns dramas no theatro de Sevilha, reduzindo a quatro o numero de actos ou jornadas, que até então eram cinco ou seis. A representação de cada noite constava da peça principal, e, além disso, de tres entremezes, e um baile. Tambem Valencia, que nas artes e boas letras era a rival de Sevilha, deu alguns passos na carreira dramatica. Foi um poeta valenciano, Christovam de Virues, que ainda reduziu o numero a que se limitaram dahi ávante todos os escriptores dramaticos hespanhoes. Até então, o drama, segundo o engraçado conceito de Lope da Vega, tinha andado com as mãos pelo chão [a quatro pés] como uma creança, porque estava na idade infantil.

A pompa scenica do theatro hespanhol tinha já feito grandes progressos. Rojas diz que no tempo de Lope de Rueda toda a vestiaria e mais aprestos de qualquer companhia se podia carregar ás costas d'uma aranha, mas que no tempo de Cueva e Virues as actrizes representavam os seus papeis com vestuarios de seda e veludo, e com cadêas d'ouro e fios de perolas; que nos entremezes se cantavam tercetos e quartetos; e que até appareciam no tablado cavallos, quando assim era necessario para ser completa a illusão.

Digno é de notar-se que já no seculo 16.<sup>o</sup> se acha em Hespanha travada a guerra entre os escriptores dramaticos, que pugnavam pela sua liberdade, e os criticos, que os queriam sujeitar aos preceitos d'Aristoteles. Era assim que em quanto o *rhetorico* Pinciano clamava que respeitassem as tres unidades, de que nenhum caso se fazia, João de la Cueva tomava despejadamente a seu cargo deffender as liberdades dramaticas no seu *Exemplar Poetico*. Pugnava por ellas porque eram o fructo de uma serie de seculos que tinham abolido todos os antigos costumes; — porque eram mais favoraveis aos vãos atrevidos da imaginação; — e porque, emfim, eram mais adaptado meio de agradar ao publico. Mas, apresentando tão judiciosa opinião, estabelecia maximas, para regular as composições dramaticas, taes, que serão sempre approvadas pelo bom juizo e bom gosto: todavia os seus compatriotas nem destas mesmas fizeram caso, no seu ardor contra toda a casta de restricções litterarias.

Este desregrado fervor de imaginação era o resultado necessario das particulares circumstancias, que por muitos seculos tinham concorrido para formar o character nacional em Hespanha. “Os hespanhoes, diz Schlegel, tiveram um quinhão glorioso na historia da idade media, quinhão muito esquecido pela ingratição dos tempos modernos. Elles foram então como uns atalhas soltos nas fronteiras da Europa: a Peninsula era como um arraial, exposto aos incessantes commettimentos dos arabes, e desamparado de alheio soccorro. Accostumado a combater ao mesmo tempo pela liberdade e pela religião, o hespanhol era afferrado a esta com o zelo fervoroso de quem a tinha comprado á custa do mais puro sangue. Cada solemnidade do culto divino era para elle, como um premio de suas acções heroicas; cada templo um monumento das façanhas de seus antepassados. Em mais recentes epochas nunca importou aos hespanhoes examinar os actos de seus superiores, mas continuaram nas guerras de aggressão ou ambição com a mesma fidelidade e valentia, que tinham mostrado nas guerras de defensão. A fama individual, e o zelo falso da religião os cegava ácerca da justiça das causas que os moviam. Emprezas sem equal, levaram-as felizmente a cabo; e o Mundo Novo, descuberto por elles, foi conquistado por um punhado de valorosos aventureiros: casos particulares de cruesa e rapina mancharam

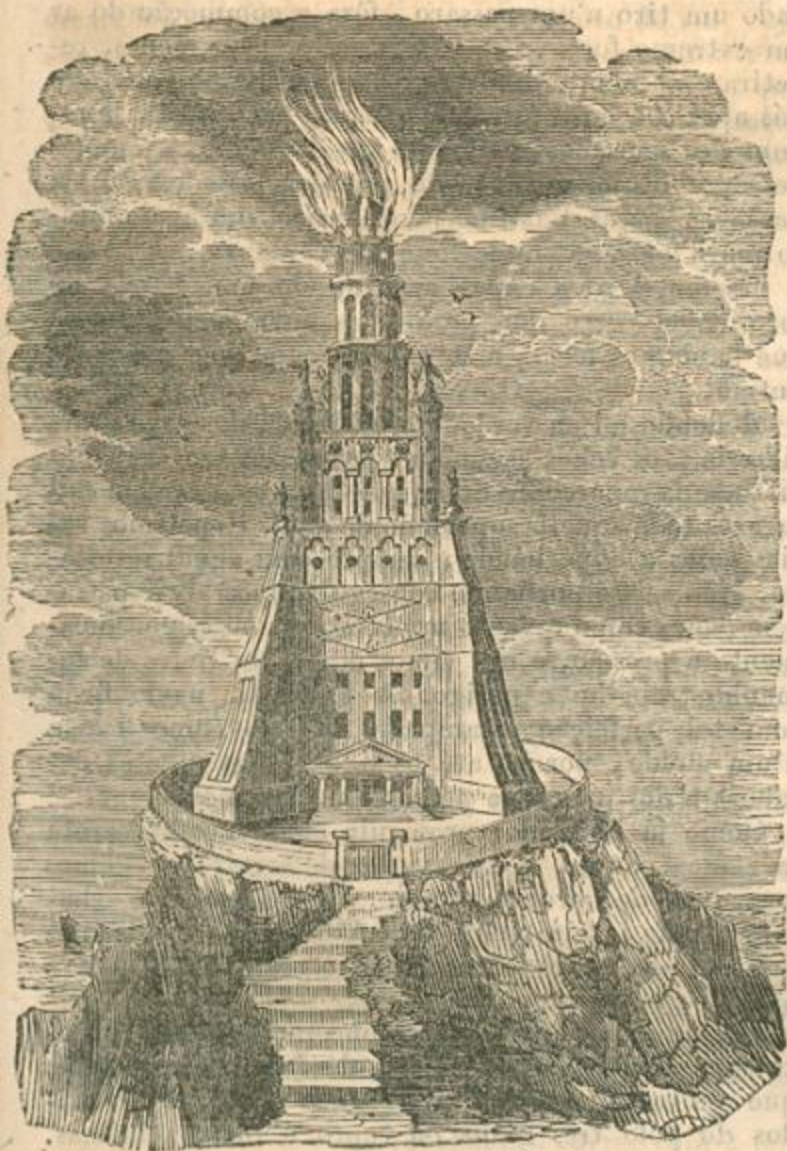
o brilho do mais acabado heroismo, mas estas corrupções não chegaram ao amago da nação. Em parte nenhuma, como em Hespanha, sobreviveu o espirito de cavallaria á sua existencia politica por tanto tempo, por isso, que ainda existiu depois de ter passado a preponderancia de Hespanha, e de ter soffrido grande diminuição a opulencia interna do paiz, em virtude dos ruinosos erros de Philippe 2.<sup>o</sup> Propagou-se o espirito cavalleiroso até o periodo mais florido da sua litteratura, e nella estampou o seu cunho, de não duvidosa maneira. A imaginação dos hespanhoes era audaz, como as suas acções: nenhuma aventura intellectual lhe parecia perigosa. A predilecção do povo por maravilhas extravagantes já se havia mostrado nas novellas de cavallaria. Desejavam vêr tambem o maravilhoso no theatro; e quando os seus poetas, eminentes na cultura litteraria, e na situação da vida, lhes representavam esta na fórma requerida, introduziam nella uma especie de harmonia, e purificavam-a da sua grosseria real, resultando do contraste entre o objecto e a sua fórma uma fascinação irresistivel. Imaginavam os espectadores que viam certo fulgor da omnipotente grandeza da sua nação, já muito abatida, quando toda a harmonia dos mais variados metros, toda a elegancia de agudas allusões, todo aquelle esplendor de imagens e comparações que só na sua lingua se acha, se derramavam por enredos dramaticos, sempre novos, e quasi sempre grandemente engenhosos. Buscavam-se na imaginação os mui ricos thesouros de passados tempos para contentar o povo, como se realmente existissem: pôde-se dizer que nos dominios de tal poesia, como nos de Carlos 5.<sup>o</sup>, nunca se punha o sol.”

Foi quando os animos mostravam semelhante tendencia, que surgiu Lope de Vega, para exercitar a sua portentosa fertilidade de invenção dramatica, e facilidade metrica. Deste illustre dramaturgo fallaremos no proximo artigo.

#### A MESA DE JOGO.

Em uma casa em Aix-la-Chapelle — isto ha mais de sessenta annos — estavam á roda de uma mesa muitos jogadores apontando á banca, quando um homem ordinario, entrou por alli dentro, e chegando-se á mesa começou tambem a apontar: o banqueiro ia com vento em pópa, e a banca tinha augmentado a um ponto extraordinario: então o desconhecido, tirando uma bolça, que entregou ao banqueiro disse que iria sobre uma carta o valor total da banca; o banqueiro, espantado desta ousadia em um individuo que parecia pessoa tão ordinaria, hesitou se devia aceitar a aposta; mas abrindo a bolça, achou dentro della uma somma desmesurada, em notas de banco: insistia, entretanto, o desconhecido na sua proposta, e elle não teve mais remedio, segundo as leis do jogo, senão baralhar e dar cartas. Naturalmente ficaram todos espantados, e com os olhos pregados nas mãos tremulas do banqueiro, que, sem que o desconhecido se movesse, ou sequer olhasse para elle, voltou as cartas que lhe foram contrarias. Levada a banca á gloria, o desconhecido ordenou a uma pessoa que viera atraz delle, que recolhesse aquelle dinheiro e o levasse. “Oh meu Deus! — exclamou um official austriaco velho, e macilento, e que estivera sentado ao pé do desconhecido — se eu tivesse a vigessima parte desse dinheiro era a pessoa mais feliz do mundo!” “Se com isso serieis o homem mais feliz do mundo — atalhou com vivacidade o desconhecido — tereis a vigessima parte desta somma:” — e sem esperar resposta, saiu da salla. Pouco tempo tinha decorrido, quando entrou um creado, que, dirigindo-se ao offi-

cial austriaco, lhe disse: "senhor, aqui vos entrego isto; meu amo recommendou-me que não esperasse resposta." Dizendo estas palavras, entregou-lhe um sacco de dinheiro, e partiu: era a vigesima parte da somma ganha ao banqueiro. — Todos ficaram maravilhados, não tanto da fortuna do desconhecido, como da sua generosidade. No dia seguinte espalhou-se em Aix-la-Chapelle um rumor de que elrei de Prussia tinha entrado disfarçado na cidade: e começando, os que tinham estado de vespera na casa de jogo, a lembrar-se das feições do desconhecido, conheceram que o homem affortunado e generoso que levára a banca á gloria, e fizera feliz o velho official austriaco, não era outro, senão o grande Frederico.



O PHAROL D'ALEXANDRIA.

A INSTITUIÇÃO dos pharoes é antiquissima; mas nenhuma comparação tem os modernos com os antigos: estes eram edificios sumptuosos, construídos unicamente á entrada de portos celebres, e mantidos por meio de grandes fogachos, effectivos durante a noite; os pharoes modernos não só indicam os portos, mas as paragens perigosas da costa, e são, por assim dizer, uma linha de demarcação para os mareantes; na sua construcção é mais attendida a solidez do que a elegancia; o combustível é mais seguro; e as modificações dos reflexos da luz, d'antemão conhecidas, são outras tantas guias para designar as localidades. Já se vê que os antigos edificando na vizinhança de populosas e opulentas cidades, pertendiam que os seus pharoes não desmentissem da grandiosidade dos edificios, que os avisinhavam. Demais, a navegação muito circumscripta daquellas eras, dirigia-se a certos pontos communs, guiando sempre nestas direcções, e sem curar das anfractuosidades das costas

pouco frequentadas, onde a navegação moderna, conhecedora dos perigos, e obrigada a evita-los, assentou os modernos pharoes.

Da ilha de Pharos, situada na bahia de Alexandria, a obra de menos de uma milha do continente, derivou o nome para os fochos, ou pharoes; porque nella foi construído o celebre pharol de Alexandria, que obteve a fama, na antiguidade, de uma das sete maravilhas do mundo. Era toda a fabrica de excellente marmore branco, disposta em varios andares, guarnecidos de varandas, tudo obra primorosa pelas bellezas da arte, e magnifica pelo dispendio com que foi executada. Segundo as noticias miúdas, que os antigos escriptores nos deixaram, damos este pharol reconstruído na gravura acima.

Pouco mais, ou menos, 300 annos antes de Christo, o fez edificar Ptolomeu Sotero, monarcha do Egypto. Conta-se a este respeito que o architecto Sostrato tivera ordem do rei para abrir, no portal da obra, uma inscripção neste sentido: — "O rei Ptolomeu, aos numes salvadores, em beneficio dos maritimos, offerece." — O architecto, porém, ambicioso de gloria, fez gravar esta inscripção em estuque imitador da pedra; e por debaixo, sobre o marmore, insculpiu um letreiro, que depois se veio a ler da seguinte maneira — "Sostrato, o Gnidio, filho de Dexiphanes, aos numes salvadores, em beneficio dos maritimos, offerece." — Dexiphanes tinha feito a calçada, ou caminho, que unia a ilha com a terra continental.

#### HORROROSA FOME NAS ILHAS DE CABO-VERDE.

SE EM qualquer paiz da Europa, ainda dos menos fertéis, acontecesse não chover durante um inverno, ou por outro qualquer motivo se perdesse toda a colheita de um anno, sentir-se-ia, em verdade, escacez de viveres; mas não se morreria de fome; porque em nenhum paiz civilizado a sustentação de seus habitantes depende absolutamente, em qualquer anno, dos fructos do antecedente, e por outro lado o systema commercial ocorre sempre aos máus resultados de uma colheita minguada, ou nulla. Nos paizes, porém, onde falta a boa administração, onde os homens, tornados madraços pela miseria, só curam de agricultar cada anno o sustento restrictamente necessario, descuidados do futuro, imprevidentes, sem commercios, sem depositos, sem precauções algumas contra os eventos inesperados; nestes paizes, dizemos, um anno, em que a natureza negue, por causa do desconcerto das estações, os fructos necessarios á vida, é um anno de maldicção para os seus habitantes; a fome, peor que a peste e que a mesma guerra, os devora aos milhares, sem que contra esse terrivel flagello seja possível encontrar remedio, ou sequer lenitivo. Desta verdade foi, ainda ha poucos annos, horroroso argumento o succedido nas nossas ricas e fertéis ilhas de Cabo-verde. Este argumento prova tambem quão urgente necessidade seja o tractar, emfim, as colonias, não como terras de servos, mas como territorio portuguez, onde moram portuguezes e irmãos nossos, que não tem menos direito á protecção e sollicitude do governo do que os seus irmãos da Europa.

No anno de 1831 faltaram as chuvas nas ilhas de Cabo-Verde, durante os mezes em que alli costuma chover, que são, principalmente, os de Julho, Agosto, e Setembro: o mez de Outubro, ardentissimo, acabou o que os antecedentes haviam começado: fructos, cereaes, vegetaes, tudo foi queimado e reduzido a pó; e a fome principiou immediatamente a sentir-se.

O governo de então nenhuma providencia deu

a favor daquellas desgraçadas ilhas. Os habitantes das de S. Antão, Fogo, Brava, Sanctiago e S. Nicolau se viram brevemente no mais horrivel apuro. Sem soccorros, sem esperanças, todos os laços sociaes se partiram: perdeu-se o respeito ás propriedades; e os homens, semelhantes a bestas-feras, devastaram tudo, e fizeram desaparecer em breve as plantas e cereaes que restavam. A falta de lavradores, de sementes, d'agua, e de recursos maritimos, deu continuo alimento á mortandade, que crescia á proporção da miseria publica. Chegaram emfim as cousas a tal estado, que já não era possivel sepultar os mortos, e para consumir os cadáveres foi preciso queimá-los. Viram-se [horrivel é só o dizer-lo], nestas queimadas de mortos, os membros de alguns meio-queimados serem comidos pelos vivos esfaimados. Temia-se, até, que chegasse a corrupção dos ares a ponto de rebentar a peste. No anno seguinte a fome e a mortandade subiram de ponto pelas mesmas causas do anno antecedeente.

No meio da sua afflicção e desventura os pobres moradores de S. Antão, e das outras ilhas, acharam nos americanos inglezes a compaixão que lhes negou a mãe-patria. A sociedade philantropica de Philadelphia lhes enviou varios navios carregados de viveres e soccorros, que foram distribuidos pelo coronel Martins, encarregado disso pela sociedade. Em um relatorio feito pela commissão creada *ad hoc*, se apresentaram as seguintes notas estatisticas, que provam quão terrivel foi a perda que padeceram aquellas ilhas, mais ainda pelo desleixo da metropole, do que pela rigidez dos tempos.

Segundo o recenseamento feito em 1831 a povoação de todas as ilhas orçava por 88:460 individuos, distribuidos do seguinte modo:

Sanctiago. . . . .	26:220.
S. Antão. . . . .	21:670.
Fogo. . . . .	16:370.
Brava. . . . .	9:320.
S. Nicolau. . . . .	8:530.
Boavista. . . . .	3:860.
Maio. . . . .	1:640.
S. Vicente. . . . .	1:250.

Conforme as indagações mais exactas, a fome fez perecer em 1832 obra de 30:500 individuos; a saber:

Em Sanctiago, quasi. . . . .	3:500.
S. Antão, quasi. . . . .	10:000.
Fogo, quasi. . . . .	12:000.
Brava, mais de. . . . .	3:000.
S. Nicolau, mais de. . . . .	2:000.

É impossivel fazer o calculo exacto, porque muita gente morreu pelas praias, outra nos campos; muitos cadáveres foram queimados, outros devorados pelos cães, e até pelos homens, como aconteceu em S. Antão. Ainda depois de feito o calculo approximado, que acima demos, morreu muita mais gente.

#### VIAGEM DO CAPITÃO BRAGG AO POLO.

(Veja-se a pag. 342, 381 e 414 do antecedente vol.)

4.<sup>o</sup>

A CADA momento esperavamos ficar esmagados: eis que de repente diminue a pressão, o que nos socceou algum tanto, não obstante continuar o navio a receber de tempos a tempos alguns abalos. Assim que tornou á posição horisontal, entramos a examinar

as avarias que soffrera, e vimos que a pressão havia entortado os travessões de ferro que sustentavam a tolda. Sem perda de tempo reparámos este damno, e apenas o havíamos conseguido tornou o perigo a ser tão eminente como d'antes. Por tres dias nos atormentaram novos temores, sendo a nossa situação muito mais cruel porque viamos a pouca distancia, canaes e bahias livres, aonde nos era impossivel chegar.

Neste horroroso perigo emittiu cada qual a sua opinião: o capitão propoz que descarregassemos todos os mantimentos para cima do gelo, para depois diligenciarmos arrastar a embarcação até a pormos a nado. Affigurou-se-nos que a nossa salvação pendia do feliz resultado deste projecto, muito difficil sim, porém não inteiramente impossivel.

Notei eu que, havendo um homem da companhia dado um tiro n'um passaro, fôra a commoção do ar em extremo forte, e que seis vezes, pelo menos, repetiram as montanhas de gelo o estampido, ouvindo nós apoz o echo o estrondo causado pela queda de alguns dos seus picos; d'onde inferi que se a simples descarga d'uma espingarda produzia este effeito, a das nossas peças d'artilheria produziria um abalo muito mais forte nas moles que nos cercavam.

Fizemos logo a experiencia dando uma banda no formidavel cerro que parára na entrada do tanque que havíamos feito, e se parecia com uma cidadella antiga.

Medonho foi na verdade o effeito da descarga d'artilheria; os echos assemelhavam-se aos trovões, em virtude da repercussão do ar que fazia estoirar em mil logares toda aquella superficie de gelo. Repetimos varias vezes a experiencia, sempre com egual resultado. Não sei se porfiando conseguiríamos abrir passagem; mas como o vento mudasse, cessou espontaneamente a pressão, e nos vimos outra vez livres de tamanho trabalho e perigo. A figura do navio ficou com tal perfeição estampada no gelo como ficaria n'um molde, porque até os signaes das junctas das taboas e dos pregos se percebiam claramente.

Como já podíamos proseguir em a nossa derrota largámos panno, e com vento de servir navegámos nos rumos de noroeste e oeste. No dia seguinte achamos o mar inteiramente desembaraçado. O thermometro tinha chegado ao primeiro gráu, e continuava a subir gradualmente.

Continuamos a vencer caminho aproveitando o vento como vinha, e no dia 25 de Junho conhecemos que estavamos aos 87.<sup>o</sup> de latitude norte, só arredados do polo tres gráus ou cento e oitenta milhas. Uma aragem do sul nos impellia mansamente; o mar que iam cortando estava tranquillo e livre de obstaculos; por isso concebemos a esperança de descobrir alguma terra desconhecida, que fosse a recompensa dos passados trabalhos, pois dos que nos esperavam á volta não cogitavamos por então.

No dia 27 nos deu o gageiro voz de terra; porém como tantas vezes tínhamos sido enganados, cuidamos que o que elle avistára não seria senão algum banco de gelo; mas desta vez era com effeito terra.

Entramos n'uma bahia excellente, que tinha de fundo tres braças; e calculada a latitude do logar pela observação, vimos que era de 86.<sup>o</sup>, 6', e a longitude de 4.<sup>o</sup> a leste de Londres. A terra se estendia para as bandas de leste e oeste, até onde não alcançavam os nossos melhores telescopios. Vista do mar parecia plana; mas ia-se alevantando, e perto do horizonte acabava n'uma cordilheira d'altos montes.

O desejo dando largas á imaginação nos pintou este logar como um paraizo terreal; já cuidavamos estar vendo o ondear das arvores, campos esmaltados de flores, e ribeiros limpídos, serpejando pelos valles

aleatificados de relva; mas esta illusão quão prestes se desvaneceu! A' medida que nos adiantavamos, vimos que fosse qual fosse o estado primitivo d'aquella região, faltava-lhe o calor necessario para a vegetação.

Embarquei na lancha com um sequito numeroso para tomar posse da terra, á qual dei o nome de Continente Polar.

Achámos que reinava alli a mesma esterilidade que ha em todas as latitudes frias, e reconhecemos que o calor, que na costa nunca passava de 10°, não era sufficiente para a producção de vegetaes, exceptuando da relva e do musgo, que crescem em taes paragens. E' certo que encontrámos uma especie de pinheiro, mas tão infesado, que apenas tinha cinco palmos de altura, e um diminuto numero de ramos.

Nestas paragens não havia mares, mas só alguns escarcéus pequenos, e reinava um vento do sul, cujo sopro era tão brando como o da brisa da primavera.

Encontrámos muitos arroios de mui boa agua, que se derivavam das montanhas, e que provinham naturalmente das neves derretidas. Não vimos por aqui casta nenhuma de aves, salvo alguns gansos.

Esta inanimada região inspirava profundissima melancholia: não se ouvia nem o silvar do vento, nem o rugir das vagas: nunca em nossos ouvidos soava o grasnido das aves bravias, nem os bramidos dos quadrupedes, que são ao menos um signal de vida naquellas regiões, onde a especie humana acabou: — um silencio mortal reinava por toda a parte. Esta scena horrorosa fez na marinagem tal aballo, que todas as suas faculdades estavam como submersas no unico sentimento da tristeza: parecia que receavam perturbar com suas fallas o repouso da natureza.

Para reanimar os animos quebrantados mandei distribuir razão dobrada de aguardente. Estivemos quasi uma semana nesta bahia, a que pozemos nome Angra do Somno (*Dromsy Harbour*). Tendo levantado ferro fomos correndo ao longo da costa para a banda de oeste.

Tinhamos vellejado obra de trinta leguas, quando démos de rosto com uma bahia, a mais singular que nunca vi. Formavam-na rochedos de diferentes alturas, que bojavam pelo mar dentro a grande distancia. Vimos em varios sitios da enseada esteiros profundissimos; mas em nenhum delles se achava logar accomodado para saltar em terra. A agua desta bahia era tão serena e limpida, que os rochedos e o navio se espelhavam na agua, como se fosse em um lago.

Durante oito dias continuámos a correr com a terra pela banda de oeste, sem encontrar nenhuma calheta, ou esteiro navegavel, e nem sequer um ribeiro a que podessemos chamar rio.

Julgámos pela altura das serras, e asperesa da paisagem, que esta região, ainda no caso de ser ilha, devia ir dar no polo. — Embrenharmo-nos pelo sertão era impossivel, por causa dos rochedos desconformes, que se viam, bastos e cerrados, a pouca distancia da praia.

Durante o inverno o numero dos nossos cães se reduzira a quatro: os que haviam sobrevivido, debilitados pela demorada reclusão, e pela ruindade dos alimentos, de fraco prestimo nos podiam ser para puxar o nosso trenó, neste terreno pedregoso. Quando parti d'Inglaterra persuadia-me que o trenó poderia servir-nos para corrermos pelo gelo nas vizinhanças do polo, no caso em que se dessem as demais circumstancias necessarias para por tal meio chegar-mos ao fim a que nos dirigia-mos; mas abrir caminho por estes medonhos desertos era tão possivel como voar pelos ares. Tinhamos ido já dois gráus mais longe, do que outro qualquer navegador conhe-

cido, e, ainda que isso muito nos custasse, não tínhamos mais remedio senão retroceder, se quizessemos salvar a vida. Chegámos a 180 milhas só áquem do polo. Ficamos persuadidos de que nestas paragens havia terra, e não um mar de gelo, do que concluímos que este continente polar devia estender-se a grande distancia para a banda do sul, e que apoz elle jaziam as muitas ilhas, de que está semeada esta porção do globo, chamadas ilhas do Japão, de Sandwich &c.

As immensas campinas de gelo, que cobrem o mar, áquem do polo, provam incontestavelmente, que existem ilhas por estes arredores; porque a terra é tão necessaria para a formação do gelo, como a agua para a sua substancia.

A 5 de Julho, percebendo que a costa se prolongava ainda para oes-noroeste, e perdendo todas as esperanças de encontrar algum braço de mar ou rio, pelo qual nos podessemos chegar mais para o norte, determinamos voltar para traz: esta resolução produziu nos animos da marinagem uma mudança, na verdade espantosa; uma especie de indolencia com seus visos de desesperação, se tinha apossado da maior parte della, desde que aportáramos neste paiz melancolico, onde o sol não tinha calor, apesar de não desaparecer do nosso horisonte, e de parecer que volteava sobre o seu eixo, por cima das nossas cabeças. A esperanza de tornarem a ver a terra natal reanimou em um instante toda a sua energia, e até nos mais descorçoados succedeu a alegria á tristeza.

Devo dizer em seu abono, que entre elles não houve um só que faltasse ás suas obrigações, ou mostrasse desejo de que a expedição não progredisse; mas havia já muito tempo que se tinham por offerecidos á morte, e estavam resignados com os decretos da providencia.

A 10 de Julho virámos de bórdo, para dizer um adeus eterno a estas regiões deshabitadas, a que pozéramos o nome de continente polar. Mas não havendo então vento nem marés para nos engolfarmos no pego, nos achamos em grande perplexidade e temor. Depois de maduras reflexões, vimos que nenhum outro remedio havia, senão desamarrarmos os bateis, para nos atoarem, no meio da calmaria mortal, que parecia querer captivar-nos nestas plagas inhospitas.

Tres dias andámos nesta trabalhosa marcação, sem que soprasse, durante elles, a menor aragem. No dia 15 chegámos a um ilheu, que parecia formado de um montão de rochedos, e nenhuns vestigios mostrava de vegetação, pelo que lhe démos o nome de Ilha do Granito. Muitas outras semelhantes encontrámos: até que, a 20 de Julho, nos tornaram a apparecer os gelos, e o thermometro desceu 10°, dentro de poucas horas. Esta mudança de temperatura nos obrigou a vestir-nos outra vez com o vestuario d'inverno. A 25 passámos pelo meridiano de Londres, a 85° de latitude. Então começou o gelo a accumular-se á roda de nós, e a haver grandes cerrações.

Abrimos facilmente caminho atravez dos gelos, que andavam soltos, porque as grandes moles delles tinham corrido muito para o sul, e achámos as aguas mui navegaveis até 83° de latitude norte. Chegando a este ponto, começamos a recear que não podessemos vencer nem sequer até o Spitzberg. Encontravamos muitas ilhas; mas como todas mostravam o mesmo aspecto de assolação, e que, além disso, nos importava muito abbreviar a viagem, não gastámos tempo em examina-las, principalmente n'uma occasião, em que nos começava a diminuir muito o depósito do carvão, sem o qual, bem sabíamos que não nos era possivel passar o inverno, se tivéssemos a des-

graça de nos ser necessario invernarmos em Spitzberg. As madeiras que encontramos boiando pelo mar, nos foram, na verdade, de grande proveito, e tantas achámos pelo caminho que nos punham espanto. Os nossosinhos já se não podiam beber: tinham-se congelado e descongelado tantas vezes, que sabiam, com pouca differença, a cerveja podre.

Passámos, no dia 4 d'Agosto, por entre duas grandissimas planicies de géllo, em que andavam retouçando muitos ursos. Tendo-se aproximado um delles ao navio, atirámos-lhe, e vimo-lo cair morto, atravessado com duas ballas pelos peitos. Não pesava menos de 700 libras. Como havia muito tempo que todo o nosso alimento se reduzia a peixe e carne salgada, achámos-lhe tão bom sabor, como se fosse a melhor carne de vacca. Os animaes desta especie não se podem ferir senão pelos peitos, ou pelas ilhargas. Uma balla, que lhes acertasse por outra qualquer parte, apenas os faria bulir.

A 6 do mez o ceu esteve limpo, e fomos navegando ao longo do géllo. Com a continuação do tempo sereno já nos ía parecendo que estavamos em outro clima. Costeando o géllo, achámos muitas aberturas, por onde tentámos, mas debalde, abrir caminho. Como, seguindo sempre neste rumo, venciamos latitude, certificámo-nos de que toda aquella machina de gélos fluctuava para a banda do sul.

No mesmo dia fizemos aguada naquelles cerros de caramello. Esta operação consistia em fazer na neve, que era de grande altura, um buraco, que logo se enchia de agua limpidissima, muito doce, e tão saudavel, como a que tomavamos nas ilhas; o que não deve causar espanto, porque tanto aquella, como esta, não são mais do que neve derretida, que, nas ilhas, se escôa pelos brejos, e por debaixo do musgo, formando pequenos arroyos.

(Concluir-se-ha).

#### ANECDOTAS DE MORALES.

MORALES foi um celebre pintor hespanhol que floresceu pelo meado do seculo 16.<sup>o</sup> — Posto que artista pouco inventivo, mui vulgar desenhador, e sendo ás vezes defeituoso na perspectiva aerea, é, todavia chamado pelos hespanhoes o *divino*, denominação confirmada pelo voto dos estrangeiros, que a acham bem merecida, porque, talvez, ninguem como elle soube imprimir nas feições das suas figuras uma expressão tão viva de sentimentos profundos.

Morales era natural de Badajoz, e ali residia, quando foi chamado por Philippe 2.<sup>o</sup> para trabalhar no Escorial. Recebida a ordem, Morales gastou quanto tinha em se arranjar por tal modo, que appareceu na corte mais como um embaixador que ia apresentar as suas credenciaes, do que como um artista de provincia chamado para trabalhar por salario. Fazendo reparo nisso elrei, o pintor respondeu com galantaria que estando resolvido a dedicar tudo o que a natureza e a fortuna lhe concedera, a servir seu soberano, tinha trazido comsigo tudo o que possuia. Pareceu que nem esta resposta, nem as obras do pintor desagradaram a elrei, porque o recompensou liberalmente: todavia, depois de acabada a obra do Escorial, voltando ao seu paiz natal, continuou com o mesmo luxo extravagante; de maneira que, estando Philippe 2.<sup>o</sup> em Badajoz, em 1531, quando vinha para Portugal, lhe appareceu Morales, reduzido á ultima miseria pela pobreza e pela idade, porque já tinha 72 annos. “Morales — lhe disse elrei quando o viu — *snvsllheceste muito desde que te não vejo.*” — “E tam-

*bem empobreci senhor:*” respondeu o pintor. Philippe 2.<sup>o</sup> [de quem ao menos as artes não teem motivos de queixa] voltando-se immediatamente para o thesoureiro da cidade, lhe ordenou desse 200 ducados a Morales, dizendo a este que era para o seu jantar: “*tambem para a cêa?*” perguntou o velho pintor. Não: — replicou elrei: *para a cêa deem-lhe cem.*” — Este encontro foi uma fortuna para Morales, o qual ainda viveu cinco annos, fallecendo em 1536.

*Memoria sobre os pesos e medidas de Portugal, Hespanha, Inglaterra, e França, que se empregam nos trabalhos do Corpo d'Engenheiros, e da arma de Artilharia; e noticia das principaes medidas da mesma especie, usadas para fins militares em outras nações. Pelo S.<sup>r</sup> Fortunato José Barreiros. Em 4.<sup>o</sup> Typographia da Academia R. das Sciencias. 1838.*

Como o titulo deste livro, simplesmente annunciado, pode ser motivo de ficar desconhecido a muitas pessoas para quem será de immediata utilidade, a pesar de não pertencerem á profissão militar: julgamos fazer um serviço ao publico, dando breve noticia do seu contheudo.

Todos reconhecem a necessidade de se fazerem com exactidão e facilidade as reduções das moedas, medidas, e pesos das diversas nações, ás moedas, medidas e pesos do nosso paiz, e reciprocamente, obtendo-se as respectivas equivalencias, para calcular valores, avaliar grandezas &c.: portanto um trabalho sobre este objecto, firmado em bases dignas de confiança, e disposto por um methodo simples e claro, a que se possa recorrer promptamente nos frequentes usos da vida em que tem indispensavel applicação, é obra de summo preço; porque livra os que della precisam de calculos impertinentes, de inexactidões, e de duvidas. É este o proveito, [quanto a pesos e medidas] que resulta do livro do Sr. Barreiros, não só para os seus collegas do exercito, e para os alumnos de diversas aulas, como tambem para os commerciantes e navegadores, para os architectos e outros artistas, e enfim para todos os que, ou recebem volumes e generos de varios paizes, ou se dão á leitura d'escriptos scientificos e industriaes em idiomas estranhos. Não só alli acharão as tabellas de reciproca redução e as divisões das medidas lineares e de capacidade, e dos pesos das tres nações, cujos escriptos, e tractos nos são mais familiares; mas igualmente as equivalencias e divisões de todas as que se usam nos principaes paizes da Europa, assim como das medidas itinerarias. O mesmo pequeno volume encerra a exposição das origens donde o A. deduziu as suas comparações, um quadro do systema metrico decimal francez, e outro do novo systema projectado em Portugal. Porém a sua maior utilidade consiste nas tabuas particulares de redução das medidas de França, Inglaterra e Hespanha ás nossas, por onde qualquer pode achar breve e facilmente as equivalencias, que desejar.

É portanto o Sr. Barreiros, aliás bem conhecido; muito credor dos nossos louvores, por se ter encarregado d'um trabalho por sua natureza secco e impertinente, mas de que deriva utilidade geral.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo  
N.<sup>o</sup> 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.